

## NO REINO DAS ÁGUAS TURBULENTAS

ROSANE DE BASTOS PEREIRA (FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP).

### Resumo

Neste trabalho são apresentados os principais elementos que constituem o texto científico na obra "Sítio do Picapau Amarelo", do escritor José Bento Monteiro Lobato (1882–1948), a partir da construção do personagem Visconde de Sabugosa como representação do homem de ciência. Os dados resultam da minha dissertação de mestrado, intitulada "Memórias do Visconde de Sabugosa", defendida em dezembro de 2006, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a orientação do professor Pedro da Cunha Pinto Neto. Atenho-me aqui, especificamente, à capacidade lobatiana de criar histórias infantis com o objetivo de conseguir que seus livros fossem adquiridos nas escolas, dentro de uma espécie de "tacada" literária que permitiria a sobrevivência do autor, editor e tradutor, em um período de vacas magras. O sábio, professor e cientista Visconde de Sabugosa reflete não apenas a riqueza imaginária de Monteiro Lobato, bem como a perspectiva crítica sobre o mundo em que o autor vivia, marcado por guerras, recessão e ditadura no governo de Getúlio Vargas, que levou Lobato duas vezes à prisão e o classificou como uma espécie de escritor maldito. Os 22 volumes que compõem o Sítio do Picapau Amarelo, escritos entre 1920 e 1944, nasceram com *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920, publicado pela Revista do Brasil. Mas a fase escolar de Lobato se deu entre 1933 e 1937, quando escreveu livros direcionados ao público estudantil, em que os títulos faziam referência aos próprios conteúdos que integravam o currículo escolar, especialmente pela influência de sua amizade com o idealizador do movimento da Escola Nova na década de 1930, no Brasil, o educador Anísio Teixeira (1900–1971).

### Palavras-chave:

ciência, escola, literatura.

Não há como negar ao jornalista, escritor, tradutor e editor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) o mérito de inaugurar, no Brasil, o livro como mercadoria. E a obra do autor aqui analisada é o Sítio do Picapau Amarelo, composto por 22 volumes, em edição de 1957, publicada pela Editora Brasiliense, um total de quatro mil, seiscentas e oitenta e oito páginas, em que se acompanha a construção do personagem Visconde de Sabugosa como representação do homem de ciência[1]. Tudo começa com *A Menina do Narizinho Arrebitado*[2] e sabe-se que Lobato levou 24 anos (1920 a 1944) para criar sua obra infantil, que não segue um critério linear de produção.

A primeira fase do autor, iniciada em 1920, mostra um Brasil com passos titubeantes na constituição da República. O Sítio do Picapau Amarelo aparece como o lugar ideal para se viver, como se vê na fala do Duque de Windsor, em *A Reforma da Natureza*: "No dia em que o nosso planeta ficar inteirinho como é o sítio, não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade" (LOBATO, 1957, p. 194). Para Camenietzki (1988), as falas dos personagens refletiam o pensamento político e crítico do escritor. "Assim, a obra infantil de Lobato retrata a saga do liberalismo oligárquico em São Paulo durante a Primeira República (1988, p. 7). A segunda ocorre quando o autor volta ao Brasil, em 1931, depois de ter vivido nos Estados

Unidos como adido cultural do governo Washington Luís, quando perdeu o dinheiro que tinha com o *crash* da bolsa de 1929.

Lobato retoma, no Brasil, o projeto literário, e os títulos produzidos entre 1933 e 1937 trazem conteúdos escolares. O Visconde de Sabugosa está presente na maioria das histórias[3]. Transforma-se no personagem mais requisitado para dar explicações, esclarecer dúvidas e cumprir todo tipo de tarefas. Para Camenietzki (1988), a ciência como “motor” da história é evidente nas passagens entre os personagens. “Não pode haver dúvidas. Lobato trata com clareza meridiana a máquina (a técnica, a ciência) como elemento positivo no processo civilizatório, coisa que não aconteceu na fase anterior nem acontecerá na seguinte” (1988, p. 36). Essa incursão de Lobato pela literatura voltada para a escola, na década de 1930, é influenciada pela sua amizade com o educador Anísio Teixeira (1900-1971), um dos idealizadores do Movimento da Escola Nova, cujo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi publicado em 1932.

Em uma carta ao seu amigo Rangel, em 26 de junho de 1930, Lobato cita a literatura infantil e o jornalismo “como gênero economicamente rentável, rentabilidade ainda mais assegurada pela adesão ao gênero paradidático, à tradução e à adaptação”.

O envolvimento de Lobato (retornado ao Brasil em 1931) com a campanha do petróleo prolonga o tempo das vacas magras e faz com que sua sobrevivência dependa, cada vez mais, dos livros infantis que escreve e das traduções que faz. Destacam-se aqui as obras cuja temática – por interessar à escola, ou por desfrutar do prestígio dos clássicos – garante circulação ampla e recompensa financeira para um quase insolvente Lobato que, em novembro de 1933, anuncia a Anísio Teixeira *Emília no país da gramática* (LAJOLO, 1994, p. 95).

Os lugares ocupados pelo discurso científico mudam de posição ao longo da obra. Iniciam-se pela voz de Dona Benta, a avó portadora do saber, e se disseminam pelos demais personagens, com exceção do Visconde, que desde o seu nascimento não desgruda dos livros. Até Emília, que era boneca de pano, termina a obra com indícios de ser uma sábia, além de ter virado gente. “A ciência se revelará nas histórias de vida dos personagens; pois pode estar presente no cotidiano, fazer parte dos processos de formação, estar incorporada em práticas e discursos (PINTO NETO, 2001, p. 165).

A necessidade de renovação constante transparecia na fala dos personagens. Para Camenietzki (1988), ao criar um personagem que embolorava várias vezes, no caso o Visconde de Sabugosa, Lobato expressava a necessidade de trocar o velho pelo novo, tanto que o sabugo de milho nasce e morre inúmeras vezes no transcorrer das histórias. Na década de 1920, a ciência aparece como algo inútil e que só atrapalha. “O Visconde é, antes de tudo, um chato, um desmancha-prazeres” (CAMENIETZKI, 1988, p. 21).

De *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920) a *Peter Pan* (1930), as histórias do Sítio do Picapau Amarelo são mais tranquilas e a maioria dos personagens se contenta com ouvir o que conta Dona Benta e a fazer alguns passeios, um deles ao céu, onde aprontam todas. Os personagens viajam, em *Reinações de Narizinho* (1931), ao Reino das Águas Claras, que ficava no fundo do ribeirão[4] que corria pelo Sítio, e recebem a visita de personagens das fábulas. A partir da década de 1930, os livros trazem mais movimento, as crianças estão mais dinâmicas, curiosas e arteiras. Elas crescem com a obra.

*História do Mundo para as Crianças* (1933) inaugura o projeto de livros para a escola, cujo conteúdo é de História, baseado no livro do autor norte-americano V. M. Hillyer, diretor da Calvert School, de Baltimore, nos Estados Unidos. O título original é *Child's History of the World*, traduzido literalmente. Dona Benta conta às crianças toda a história da humanidade e as invenções do homem até a data em que o livro foi publicado. Montados no rinoceronte Quindim, em *Emília no País da Gramática* (1934), os personagens vão visitar o País-da-Gramática, onde mergulham no mundo das vogais, consoantes, adjetivos, verbos, advérbios, gírias, galicismos, das palavras velhas e novas – ou neologismos. Nesta obra fica clara a indisposição do autor quanto a algumas regras da nossa Língua Portuguesa, por ele criticadas.

O autor aborda, em *História das Invenções* (1935), conteúdos de História e Conhecimentos Gerais, e classifica a época em que viviam como a “era dos milagres”. Ele enfatiza os benefícios da tecnologia de que dispunham naquele momento e que tornava a vida melhor: os avanços nas cidades, como a iluminação das casas, das ruas e das estradas de rodagem, o cinema, os correios, a bateadeira de ovos, a máquina de costura, a pena, a tinta e o papel, a *Enciclopédia Britânica*[5], os livros, a máquina fotográfica de Pedrinho, o Visconde, a Emília...

\_ Temos os livros!

\_\_\_ Sim, os livros onde os homens de imaginação e cultura fixaram suas idéias. Temos a Enciclopédia Britânica, onde toda a ciência humana está concentrada. Temos os quadros das paredes \_\_\_ a arte. Temos a máquina fotográfica de Pedrinho, que me obriga volta e meia a posar com cara de riso. Temos os jornais que o correio nos entrega todos os dias com as novidades do mundo inteiro.

\_\_\_ Temos o varal de roupa...

\_\_\_ Sim, temos esse fio de ferro chamado arame, recoberto duma camada de estanho para não enferrujar. Temos os pregos que Pedrinho prega...

\_\_\_ Temos o Visconde, que é um sabugo científico...

\_\_\_ E temos finalmente a Emília. Isso mostra que graças às invenções a vida humana vai sempre ganhando em comodidades e facilidades. Somos riquíssimos, se nos compararmos ao mais rico dos romanos. O que há é que ainda não acertamos um meio de vida que faça as invenções beneficiarem a tôdas as criaturas igualmente.

E a maior das invenções humanas vai ser essa: um sistema em que todos tenham tudo (LOBATO, 1957, p. 290).

Em *Aritmética da Emília* (1935), o Visconde inventa uma viagem ao País-da-Matemática e arma, no pomar, o circo Sarrazani, onde cada um dos componentes da Matemática, ou "artistas", se apresentam e se explicam, diante dos olhares curiosos do público. O Visconde, a essa altura, arrastava "a perna reumática" e dava exemplos práticos ao transmitir a teoria às crianças. Lobato encontrou, na Matemática, disciplina valorizada no ensino elementar do início do século 20, uma forma de apresentar o conteúdo matemático ao aluno por meio de histórias. E, em *Geografia de Dona Benta* (1935), uma nova viagem, em que o autor permite ao leitor viajar pelo mundo com os personagens dentro do navio faz-de-conta Terror-dos-Mares, viver aventuras e se localizar no planeta. Dona Benta, a avó, explica a Pedrinho sobre a Lei da Gravitação.

Os conteúdos de Física e Astronomia, por exemplo, estão presentes nos *Serões de Dona Benta* (1937), e a avó até montou um laboratório no antigo quarto de hóspedes. As crianças aprendem sobre ar, água, matéria, máquinas, calor, fogo, tempo, clima, sistema solar, solo, entre outras coisas. "Tinha lá uma porção de frascos de drogas, e tubos de vidro, e cubas, e lamparinas de álcool. Um perfeito gabinete científico de amador" (LOBATO, 1957, p. 18). Nos costumeiros serões, que aconteciam à noite com horário marcado, a avó do Sítio do Picapau Amarelo suavizava as "comichões científicas" das crianças com aulas de Física e Astronomia, matérias que integravam o currículo das escolas[6].

\_\_\_ Os sais são o produto da combinação dum ácido com uma base. Quando misturamos matéria básica com matéria ácida, o resultado é *água e mais um sal*. Se, por exemplo, misturamos soda, que é uma base, com ácido hidrocloreto, teremos água e sal de cozinha.

\_\_\_ E de que cor os sais deixam o tornassol?

\_\_\_ Da mesma cor. Não têm nenhum efeito sobre ele. Mas a matéria, continuou Dona Benta, talvez seja uma coisa só, que se apresenta sob diversos aspectos, conforme as condições. Os sábios de hoje estudam muito isso, sem terem chegado a nenhuma conclusão definitiva \_\_\_ e os sábios da antiguidade também se preocuparam com o assunto. Por longo tempo ficou estabelecido que tôdas as substâncias que compõem o mundo se reduzem a quatro elementos: água, ar, terra e fogo. E os sábios do Tibé ainda em nossos dias aceitam essa divisão, com um aumentozinho: água, ar, terra, fogo e "espaço etéreo."

\_\_\_ E hoje como é?

\_\_\_ Hoje a ciência admite, em vez de quatro elementos, 92. São os chamados *corpos simples*, isto é, as substâncias que não podem ser desdobradas de outras. O oxigênio, o ferro, o ouro, o carbono, o mercúrio, o chumbo, etc. são corpos simples \_\_\_ e são êsses 92 corpos simples que entram na composição de tôdas as substâncias existentes.

\_\_\_ E amanhã, como será, vovó?

\_\_\_ Não sei, meu filho. A ciência não pára de estudar e de remendar o que chamamos Verdade Científica. Antigamente a verdade era a existência de quatro elementos. A verdade do futuro talvez seja a existência dum elemento só. Mas como não vivemos no passado nem no futuro, e sim no presente, só nos interessa a verdadezinha de hoje \_\_\_ embora a admitamos *cum grano salis*, como dizem os filósofos (LOBATO, 1957, p. 62-64).

*Serões de Dona Benta* (1937) e *O Poço do Visconde* (1937) encerram o projeto de Lobato de livros para as escolas e confirmam a tentativa do autor de clarear o conhecimento científico para os leitores, por meio de seus textos. A ciência inebriava tanto as crianças que elas queriam aprender cada vez mais. No *Poço do Visconde* (1937), que traz conteúdo de Geologia, as crianças vão procurar petróleo no Sítio e encontram. No último capítulo de *Serões de Dona Benta* (1937), Pedrinho recebe uma carta de Dona Antonica, sua mãe, em que ela avisava sobre o início das aulas e pedia que ele voltasse imediatamente para o Rio de Janeiro. O menino lamentou-se. "\_\_\_ Eletricidade, acústica, ótica, biologia... acrescentou o menino. A ciência é longa e a vida só tem quatro meses cada ano \_\_\_ as férias que passo aqui" (LOBATO, 1957, p. 199).

O terceiro e último período em que se pode classificar a obra lobatiana, que seria a do "saber malversado", de acordo com Camenietzki (1988), é posterior à década de 1940, quando há um desencanto do autor com a vida, o mundo, fase em que a ciência é vista por ele como uma ferramenta que a civilização não sabe utilizar. Esta fase inclui os textos publicados mais para o fim da vida de Lobato e entre as obras desse período estão *A Chave do Tamanho* (1942) e *Os 12 Trabalhos de Hércules* (1944). O autor, que tinha se indisposto com o ditador Getúlio Vargas por defender o petróleo, foi preso mais de uma vez, decidiu viver na Argentina, em 1946. Morreu em 4 de julho de 1948, em São Paulo, vítima de derrame.

Penteado Filho (1997) esclarece que Lobato manifesta uma visão positivista em sua obra, influenciado por sua formação acadêmica e fruto de sua convivência com os mestres da Faculdade de Direito, em São Paulo, onde estudou, a partir de 1900, e com os quais compartilhava de uma visão "progressista", que resultou especialmente nas idéias sobre evolucionismo e cientificismo que aparecem na obra. Lobato via no livro, agora mercadoria, razão para o deslumbramento de uma população que, dos anos 20 até os 50, contou apenas com o rádio como veículo de comunicação mais moderno.

O livro é também fonte de poder[7], inclusive os livros literários que começaram a ser vendidos às escolas e se tornaram uma espécie de filão do mercado e um complemento aos livros didáticos empregados nas escolas brasileiras. Lobato percebeu esse vácuo e fez exatamente o contrário – aproximou a ciência do seu leitor com uma linguagem que facilitava a compreensão, ainda que seus textos não sejam tão simples assim.

Seus personagens-crianças, Narizinho e Emília, tinham como companheiro permanente o sábio Visconde de Sabugosa que os introduzia às ciências durante suas aventuras, aproveitando fatos do cotidiano para ensinar. Às vezes, como na "Viagem ao Céu", o Visconde criava toda uma aventura para ensinar astronomia. Já na "Chave do Tamanho" ele ensinava fatos sobre o meio ambiente e sobre a criação de novas tecnologias, apropriadas ao meio em que viviam. É interessante notar como os personagens de Monteiro Lobato aprendiam, e muito, durante as suas férias. Talvez aprendessem até mais do que aprendiam na escola, que na sua época era séria e exigente, mas livresca e pouco chegada às realidades da matéria e dos seres vivos (KRIEGER, 2004, p.3).

De 1920 até a década de 1950, os livros de Monteiro Lobato eram verdadeiros *best-sellers*[8] entre as obras de autores brasileiros editadas para crianças, embora aparecessem de forma isolada. *Reinações de Narizinho* vendeu 50 mil exemplares. "Os especialistas brasileiros no assunto costumam dizer que a literatura infantil em nosso país só pode ser estudada em dois períodos: antes de Lobato e depois de Lobato..." (PENTEADO FILHO, 1997, p. 151). A literatura lobatiana inovava, segundo Penteado Filho (1997), por apresentar elementos novos, críticos, que se sobrepunham aos antigos valores incutidos pela sociedade tradicional na mente das crianças e jovens, tratados como pessoas que não podiam pensar por si mesmas.

## 5. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Carmem Lucia de; Camargos, Marcia; Sacchetta, Vladimir. **Monteiro Lobato – furacão na botocúndia**. São Paulo: Senac São Paulo, 1997.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. **O saber impotente** – Estudo da noção de ciência na obra infantil de Monteiro Lobato. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia da Educação, Rio de Janeiro: 1988.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KRIEGER, Eduardo Moacyr. Aprendizagem das ciências e acesso à cidadania. In: **III ENCONTRO LATINO-AMERICANO "MÃO NA MASSA"**. São Paulo: 2004. Apresentado no site da Academia Brasileira de Ciências. Disponível em: [http://www.abc.org.br/arquivos/krieger\\_3mao.html](http://www.abc.org.br/arquivos/krieger_3mao.html). Acessado em: 6/11/2006.

LAJOLO, Marisa Philbert. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática (Série educação em Ação), 1994.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

- \_\_\_\_\_. **História do Mundo para as Crianças**. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- \_\_\_\_\_. **Emília no país da gramática e Aritmética da Emília**. São Paulo: Brasiliense, 1957
- \_\_\_\_\_. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- \_\_\_\_\_. **Serões de Dona Benta e História das invenções**. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- \_\_\_\_\_. **O poço do Visconde**. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- \_\_\_\_\_. **A reforma da natureza**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

PENTEADO FILHO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato** – O imaginário infantil na ideologia do adulto. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

PINTO NETO, Pedro da Cunha. **Ciência, literatura e civilidade**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas (SP): 2001.

---

[1] O texto completo, intitulado *Memórias do Visconde de Sabugosa*, que resultou da minha dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2006 na Faculdade de Educação da Unicamp, sob a orientação do professor Pedro da Cunha Pinto Neto, pode ser acessado no sistema de bibliotecas da Unicamp.

[2] Este livro é o início das histórias do Sítio do Picapau Amarelo. Sua primeira edição, pela *Revista do Brasil*, foi em 1920. Um ano depois, em 1921, circula como *Narizinho Arrebitado*, pela Monteiro Lobato & Cia., editado como “Segundo livro de leitura para uso das escolas primárias”. Recebe o título definitivo em 1931, *Reinações de Narizinho*, quando o autor o edita pela Cia. Editora Nacional.

[3] O Visconde de Sabugosa só não aparece em *O Saci*, *Hans Staden* e *Histórias de Tia Nastácia*. Em *História das Invenções* faz-se apenas uma pequena menção a ele e em *Serões de Dona Benta* ele aparece em ilustrações, acompanhado das crianças.

[4] Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as “tias Nastácias” (LOBATO, 1957, p. 3).

[5] A primeira edição da *Enciclopédia Britânica* foi publicada na Suécia em 1768, com 2.658 páginas distribuídas em três volumes. Durante muito tempo foi uma referência para quem queria conhecer o mundo. Os vendedores iam de porta em porta vendê-la. Chegou ao Brasil em 1940. A idealizadora do projeto foi a brasileira Dorita Barret de Sá Putch, que tinha nascido na Califórnia (EUA) e cujo pai era alto executivo da *Enciclopédia Britânica* nos Estados Unidos. Hoje continua a ser impressa, mas também está disponível na internet para assinantes.

[6] Vêm em 1937 os *Serões de Dona Benta* e *O Poço do Visconde*, obras em que o mesmo projeto informativo que norteia seus paradidáticos coexiste com o projeto político que custou não poucos dissabores a Lobato, entre os quais o ser *desadotado* em escolas públicas, desastre terrível para quem tem nos livros o ganha-pão da família... (LAJOLO, 1994, p. 97).

[7] O perigoso poder do livro é uma constante que podemos notar no Próspero de *A Tempestade*, já que deve atirar ao mar seu livro, seu único livro, para anular seu poder e, ao mesmo tempo, para reconquistar uma liberdade humana. É o tema de Borges em *O livro de areia*, no qual, à maneira de Próspero, deve deixar oculto um livro, enterrando-o sob a Biblioteca Nacional, em Buenos Aires, na rua México. É

um tema que se vincula à idéia da relação com um livro em particular, o livro mágico (CHARTIER, 2001, p. 113).

[8] Monteiro Lobato conheceu a popularidade, entre os anos de 1935 e 1948 – enquanto ainda vivo –, e a predominância dos seus textos infantis entre os demais estendeu-se até a boa parte da década de 50. Nesse período de aproximadamente 20 anos – entre 1935 e 1955 – pelo menos duas gerações de brasileiros foram ávidos leitores da obra infantil de Lobato, editada aos milhões de exemplares. Um número substancial de pessoas que, em 1996, estavam na faixa etária aproximada de 40 a 70 anos foram seus leitores – numa época em que a televisão ainda não existia ou tinha presença limitada, e eram poucas as opções de lazer ou entretenimento relacionadas com os meios de comunicação que, sobretudo antes de 1950, com exceção de alguns horários no rádio e de número reduzido de títulos de revistas, eram quase inexistentes (PENTEADO FILHO, 1997, p. 5).